

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Fevereiro de 1994

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
DA JUVENTUDE
ADVENTISTA**



*L'espérance
unit*

26 . 30 JULHO

**LAUSANA
1994**

NESTE NÚMERO

2 Súplica

Por Correia Leite

3 Dotados para a Obra

Por Joaquim Dias

4 A parábola da esperança

Por Marcos De Benedicto

7 O Estrangeiro Dentro das Tuas Portas...

Por Dr. Borge Schantz

9 Caderno da Juventude

15 Viver Sacrificial

Por Robert S. Folkenberg

16 A Rádio Mundial Adventista e a Pregação do Evangelho

Por Andrea Steele

18 Notícias

PENSAMENTO DO MÊS

A revelação do Cristianismo é uma pessoa — Jesus Cristo.

Súplica

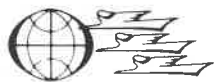
Senhor,
Ajuda-me a cultivar
essa virtude maior
que a dor maior sublimou
naquele rústico Altar!
Eu quero ser jardineiro
de mui digna qualidade:
puro, sábio, verdadeiro,
revestido de humildade...
Senhor,
ajuda-me, por favor!
Meus actos, meu ser inteiro,
por Tua graça também,
gerem perfume e beleza
na mais nobre natureza
que a Natureza contém!
Eu quero ser jardineiro
da alma, da mente humana,
para dar à luta insana
que consome o meu viver,
razão que a razão profana
não pode nunca entender!

Senhor,
ajuda-me, por favor!
Eu quero ser jardineiro,
sim, jardineiro do amor.
Quero, afinal, cultivar
na aridez do meu sertão
essa planta singular
que os ventos da provação
não conseguem desfolhar!
Se nesse santo labor
me ferir o desamor
ou outro espinho qualquer,
Senhor,
que eu não deixe o meu canteiro,
mas seja sempre o primeiro
a perdoar e a esquecer!
Afinal,
que mais há-de suplicar
quem de tanto é devedor,
— quem ficou velho a pecar,
mas graças ao Teu amor,
à Tua imensa ternura,
se fez nova criatura
e quer viver para amar?!

Correia Leite

Membro da igreja de Helsinborg, Suécia, onde reside actualmente.
Foi membro das igrejas de Canelas e Luanda

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Fevereiro de 1994 — Ano L • N.º 561

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



Dotados para a Obra

A nossa sociedade, marcada pela aridez do secularismo e desencantada pelo falhanço dos sistemas político-sociais apresenta-se, por um lado, muito individualizada e, por outro lado, uma presa fácil das novas formas de culto que prometem encher o seu vazio.

Estas circunstâncias aumentam o grande desafio da nossa Igreja, que surgiu quando o relógio profético indicou o momento de apresentar a «Presente Verdade» no período final da história.

Propusemos como alvo para 1994, **Uma acção Global e Mais Ousada na Evangelização**. Para isso, Deus dotou cada um de nós, ou seja, a Sua igreja, com meios diversos, operacionais e adequados.

Esta diversidade e operacionalidade adequada é indispensável e só pode ser providenciada por Deus. Como bem descreve J. David Newman, num recente artigo da revista *Ministry*, «Reaching the secular mind», «necessitamos de encorajar a multiplicidade de ministérios. (...) As pessoas seculares são tão diversas como os flocos de neve. Essas pessoas não são normalmente alcançadas em grandes grupos. Aqueles que se apoiam no evangelismo público de massas serão desapontados.» (*Ministry*, Novembro 1993, p. 6.) Desenvolvendo este mesmo raciocínio, o mesmo autor cita Jon Paulien, que explica: «A única maneira, portanto, de fazer face ao pluralismo da sociedade é com o pluralismo do Espírito Santo, que é uma explosão de todos os tipos de ministérios de testemunho sob o poder do Espírito. Isto não virá duma planificação centralizada, mas sim da descoberta que os membros farão do papel único que Deus desenvolveu para cada pessoa. Sinto-me muito feliz pelo movimento dentro da Igreja para a identificação e desenvolvimento dos dons espirituais. (...) Não há duas

pessoas que tenham exactamente os mesmos dons. Se as pessoas comente secularizadas são tão diversas como os flocos de neve, nós precisamos de uma força missionária tão diversa como os flocos de neve.» (Jon Paulien, *Present Truth in the Real World*, p. 164.)

Tanto no passado como no presente esta capacitação de Deus tem operado, suscitando «uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores» (Ef. 4:11).

Parafraseando esta passagem bíblica, no contexto de um ministério global e mais ousado, sem distinção de laicos e clérigos, mas de testemunhas vivas do que é para nós Jesus e o Seu plano de salvação, poderíamos ler: «Deus deu dons à Sua igreja, providenciando uma para funcionarem como pastores, outros como evangelistas, outros como colportores, outros como médicos, outros como construtores, como agricultores, reformados, donas de casa, engenheiros, enfermeiros, contabilistas, pintores, serventes, professores, estudantes, pedreiros, comerciantes, secretárias, modistas, empresários, administradores, etc., etc.» A lista é interminável se pensarmos que «todos aqueles em cujo coração Cristo habita, cada um que mostre Seu amor ao mundo, é um cooperador de Deus, para a bênção da humanidade. À medida que recebe do Salvador graça para reparti-la com outros, do seu próprio ser fluem torrentes de vida espiritual.» — *Actos dos Apóstolos*, p. 13.

As pessoas com quem convivemos, ou com quem nos cruzamos casualmente, com aspecto de indiferença, ou até aparentemente adversas ao Evangelho, foram criadas à imagem e semelhança de Deus. Elas interrogam-se sobre a existência, a função de Deus (se é que existe, alguns assim se expressam) neste mundo de

guerra, injustiça, incerteza, sofrimento e morte. Há uma ânsia escondida de conhecer a Deus; há uma necessidade real de preencher o vazio no íntimo de cada um.

Quando tomamos a iniciativa de testemunhar com um pouco mais de ousadia, somos agradavelmente surpreendidos. Vejamos algumas experiências reais, bem recentes:

António (1) é um jovem adventista empresário, que lida comercialmente com Lúcio, um dos seus fornecedores, também jovem, moderno, secular e que se considera ateu. Entre o Natal e o Ano Novo, quando abundam os presentes das garrafas de vinho do Porto, Lúcio pergunta muito naturalmente ao António onde e como passaria o Réveillon. Embora com certa timidez, o António explica que vai para a Costa de Lavos com jovens da sua igreja. Depois da natural surpresa e até «basufice» do jovem que se dizia ateu, a máscara cai e as necessidades espirituais aparecem, primeiro sob a forma de curiosidade e depois com um abrir do coração, muito gratificante para ambas as partes. Surgiram muitas perguntas sobre religião e igrejas. Dias depois, o jovem adventista deu ao Lúcio um simples folheto «Quem São os Jovens Adventistas» e mais tarde as revistas *Saúde e Lar* e *Sinais dos Tempos*. Para surpresa do António, é o seu amigo, que se dizia ateu, a pedir mais literatura, mostrando um grande apreço e segredando: «Quero saber mais da tua igreja e gosto muito das revistas.»

André, na primeira semana do seu primeiro emprego no hospital, teve problemas. O seu nome estava na escala de serviço ao banco para o Sábado. Entre cogitações, dúvidas e algum receio, decidiu falar das suas convicções religiosas e do Sábado ao médico responsável, que exclamou: «Pensava que eras tudo menos religioso. Eu sou ateu, mas respeito.» Essa

A parábola

Na «Parábola do Semeador»
Padre Vieira, Cristo
perder-se, mas o

aparente dificuldade, transformada numa oportunidade frutífera de testemunho, permitiu um diálogo. Vários médicos tiveram conhecimento do assunto e comentaram ter familiares adventistas, e que já conheciam outros colegas que partilhavam a mesma fé. A porta está aberta e o testemunho pessoal produzirá, certamente, os seus frutos, com o tempo.

José é um adventista que decidiu adquirir as cassetes vídeo da campanha do pastor Bullón. Pensa usá-las para fazer trabalho missionário. Emprestou uma ao pedreiro que trabalha na sua casa e ofereceu outra a um amigo ex-adventista, pedindo-lhe que fizesse uma avaliação, para depois voltarem a encontrar-se e conversar sobre o assunto. O ex-adventista sentiu-se honrado por lhê ter sido pedida a opinião e isso contribuiu para aumentar o interesse da esposa nos estudos bíblicos que está a receber de um membro de igreja.

O irmão Vítor é um homem muito activo e sempre ocupado; ele não dispõe de tempo para ver os vídeos e prefere as mesmas mensagens em casete vídeo. Ouve-as no carro enquanto viaja e empresta-as a um amigo que está a tentar levar para a igreja.

Alberto tem uma entrevista com o seu advogado, que se revela simpático e respeitador da sua fé. Como está na quadra do Natal, leva consigo alguns exemplares do livro *Encontros*. Oferece três exemplares, um ao advogado e os outros a dois estagiários que ali estavam presentes. Para surpresa sua, os jovens advogados pediram-lhe uma dedicatória no livro, enquanto o decano lia em voz alta, com muito apreço para todos: «Desde que me deixei comover por Cristo, nada me parece mais importante do que o encontro com os outros.» — *Encontros*, p. 14. «O Encontro com os outros», este é o nosso desafio, este é o nosso privilégio!

Assim como a lista dos dons e oportunidades que Deus nos concede para testemunhar são inumeráveis e diversas, seriam também intermináveis as experiências que aqui poderíamos apresentar. Citámos somente uma pequena amostra do que se está a passar e do que se pode fazer. São meros exemplos que podem ser uma inspiração para que cada irmão e irmã, indepen-

dentemente da sua idade, condição social ou profissão, aproveite os dons que Deus lhe concede, as circunstâncias e os meios que a igreja providencia.

A título de exemplo, lembramos o grande esforço que se está fazendo para que, além dos folhetos, revistas e livros, se produzam cassetes de vídeo e áudio com mensagens e estudos bíblicos. Só precisamos de usar esse material com um pouco mais de ousadia, a fim de romper o silêncio religioso com os colegas, vizinhos, clientes, patrões, fornecedores, professores, alunos, amigos e mesmo desconhecidos. Precisamos de tomar a iniciativa com mais ousadia, deixando que o Espírito Santo complete e aperfeiçoe a obra. Seremos agradavelmente surpreendidos.

Qual será o impacto desta acção global e mais ousada quando todos os adventistas em Portugal a empreenderem? Deixamos esta pergunta para reflexão de cada um e propomos voltar à mesma questão no próximo mês, com uma análise da dimensão e do que representa o Adventismo no nosso país, em relação à população nacional.

Entretanto e como numa síntese destas reflexões, damos lugar à pergunta pertinente da pena inspirada: «Por que razão muitos mais não respondem ao chamado? Será porque se imaginam escusados pelo facto de não ocuparem os púlpitos? Estes devem compreender que há uma vasta obra a ser feita fora do púlpito por milhares de consagrados membros leigos. Longamente tem Deus esperado que o espírito de serviço se apodere de toda a igreja, de maneira que cada um trabalhe para Ele segundo a sua habilidade. Quando os membros da igreja de Deus fizerem a obra que lhes é indicada (...) o mundo todo será logo advertido, e o Senhor Jesus retornará à terra com poder e grande glória.» — *Actos dos Apóstolos*, p. 111.

A obra de evangelização é grande, mas Deus dotou a Sua Igreja de dons e meios para a executar. É nosso privilégio ser coobreiros com Deus na culminação do Plano da Salvação.

(1) As experiências são verídicas, mas os nomes são fictícios.

Joaquim Dias

Presidente da União Portuguesa

Como acontece hoje, muitas pessoas do tempo de Cristo queriam mudanças, e mudanças rápidas; desejavam vitórias, vitórias fáceis; tinham pressa de resultados, grandes resultados.

Cristo respondeu a esse sentimento com uma parábola — a famosa «Parábola do Semeador», ou, caso se prefira, a «Parábola dos Solos». Ele contou-a na praia do mar da Galileia, no final do ano 29, durante a Sua segunda viagem à região. Bom público.

Da «igreja», viam-se agricultores trabalhando na planície de Genesaré e nas colinas próximas. Por isso, o discurso começou assim: «Eis que o semeador saiu a semear...»

Ao mencionar «saiu», Cristo devia ter em mente que, no Oriente, os agricultores moravam em vilas e, de manhã, saíam para trabalhar no campo, retornando à tarde. No caso, o semeador era Ele mesmo, que havia deixado o Céu para semear e plantar o amor, a verdade e a salvação na Terra.

Foi um grande sermão. Tanto que, séculos depois, um grande pregador resolveu analisá-lo numa das cortes da Europa. Refiro-me ao Padre António Vieira, grande pregador e escritor do século XVII.

Vieira abordou o tema na Capela Real, em Lisboa, de maneira brilhante. Deu nome à sua fala de «Sermão da Sexagésima». É esse sermão que vou sintetizar aqui, de forma livre, dando um toque pessoal.

Na ocasião (1665), uma dúvida dividia a mente do arguto padre: Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, porque se vê tão pouco fru-

la da esperança

«dor», que inspirou um célebre sermão do pregador mostra que boa parte da semente pode estar estante produz até dez mil por cento.



to? Esta «é uma dúvida ou admiração que me traz suspenso e confusão depois que subo ao púlpito», confessou.

«Fazer pouco fruto a palavra de Deus no mundo», reflecte Vieira, só «pode proceder de um de três princípios»: ou da parte de Deus, ou do pregador, ou do ouvinte.

O grande orador entendia que, para ocorrer uma conversão, são necessárias três coisas: a doutrina, que persuade; o entendimento, que percebe; a graça, que alumia. O pregador entra com a doutrina, o ouvinte com o entendimento, Deus com a graça.

Igualmente, para uma pessoa se ver a si mesma, são necessárias três coisas: olhos, espelho, luz. Se tem espelho e é cega, faltam os olhos. Se tem espelho e olhos, e está escuro, falta luz. Sem espelho, nada feito.

Pois bem. Que é a conversão senão entrar dentro de si e, com o auxílio de um espelho, olhos e luz ver-se plenamente? Se o pecado é um muro de separação, a conversão é reencontro — com Deus, com nós mesmos, com os outros, com a Natureza. O espelho de Vieira é a doutrina, os olhos são o entendimento, a luz é a graça.

O mergulho da conversão só é pos-

sível com a participação de Deus (que entra com a luz/gracia), do pregador (espelho/doutrina) e do ouvinte (olhos/entendimento). Por culpa de qual deles a semente não dá mais resultado?

Luz

O pouco fruto deve-se a Deus? Não.

Note o que diz o Evangelho: uma parte perdeu-se nos espinhos; uma segunda, nas pedras; a terceira parte foi pisada pelos homens e comida pelas aves. Mas note também o que o Evangelho não diz: em lugar nenhum é dito que algum grão de trigo se perdeu por falta de chuva ou excesso de sol, ou vice-versa. Ora, a causa comum dos prejuízos na agricultura é a desigualdade dos tempos. Na parábola, porém, isso não acontece. Não se pode culpar a Deus.

Se o meu coração quiser, Deus está pronto para alumiar e aquecer a minha vida, molhar, refrescar e amolecer. Se Deus dá o Seu sol e a Sua chuva aos maus, conforme diz Mateus 4:45, como os negaria aos maus que se querem fazer bons?

É uma questão de fé: Deus não quer que ninguém se perca. O profeta Isaías ensina que a palavra que sai de Deus não retorna vazia.

Conclui-se que a falha só pode ser da parte do pregador ou do ouvinte — que sempre jogam a culpa um no outro.

Espelho

O pouco fruto deve-se ao pregador?

Às vezes.

Vieira, que analisa o «concurso» do pregador por último, para «esbofetear-lo», não tinha dúvidas: o pregador é o problema. Eu acho que às vezes a culpa é dele, mas *nem sempre*.

A definição do pregador, para Vieira, é a vida, a acção. O pregador prega. A Bíblia não diz, no original, «o semeador», mas «o que semeia». Há diferença. Uma coisa é o soldado, outra o que peleja. Uma coisa é o governador, outra o que colporta. Uma

Marcos De Benedicto

coisa é o pregador, outra o que prega. Semeador é nome, o que semeia é acção.

O pregador tem que agir e ser um exemplo. Senão ele não é pregador e nem obtém êxito. «Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam, mas não ferem.» Grande Vieira. É como aqueles tiros de pólvora — inúteis.

Lembre-se que David derrubou o gigante com a pedra, não com o estalo. Para acalmar o ensandecido Saul, o mesmo David tinha de dedilhar a harpa — acção.

Sem a acção, a semente não pode frutificar. Pois as pessoas precisam ver. Os olhos são melhores alunos do que os ouvidos. Os psicólogos dizem que aprendemos 1% pelo paladar, 1,5% pelo tacto, 3,5% pelo olfacto, 11% pela audição e 83% pela visão. Não é à toa que a TV faz tanto sucesso.

Como lembra Vieira, Deus é mais respeitado no Céu do que na Terra. Porquê? No Céu, Ele é visto; na Terra, é ouvido. Quando Deus decidiu salvar o homem, ficou acertado que o Filho viria. Ele era o Verbo, a Palavra de Deus. Mas isso não bastou. Precisou encarnar.

João Baptista foi um grande pregador. Porquê? Coerência e exemplo. Ele dizia «arrependei-vos», e lá estava um retrato vivo da penitência. Condenava o luxo e a vaidade da cidade, e lá estava um profeta vestido com roupa de couro de camelo. Pregava desapego ao poder e às coisas do mundo, e as suas obras diziam «eis aqui um homem que vive no deserto». Gritava contra a gula, e lá estava um homem que passava a gafanhotos e mel silvestre. O seu sermão não era refutado pela vida.

Outra coisa que mata o potencial da semente é pregação artificial, empresada. Ora, o semeador saiu a semear a sua semente. Nada substitui a dedicação pessoal. O testemunho nasce da experiência.

Com o alheio nunca se fez grande coisa. David não pôde usar as armas de Saul, só as suas. Os apóstolos receberam o Espírito em forma de línguas de fogo (Actos 2:3), mas cada um a sua. E as línguas pousaram sobre eles, o que, para Vieira, significa que a palavra sai pela boca, mas deve vir da cabeça.

Além disso, para não fracassar, o pregador precisa pregar um só assunto, e que seja a palavra de Deus. Jonas pregou o mesmo sermão 40 dias. Hoje há pregadores que querem pregar 40 sermões num dia. Não dá.

Certos sermões têm de tudo (filosofia, sociologia, psicologia, estatísticas, vaidade), e menos a palavra de Deus. É por isso que não há frutos.

Pregar a palavra de Deus não significa apenas abrir a Bíblia, citar dez versículos afins e mostrar dois recortes de jornal. Citar a Bíblia, o diabo também citou. Fez isso na tentação de Jesus. E era a palavra de Deus? Não, porque ele distorceu o seu sentido. Transmitir a palavra de Deus exige que se conheça e se ame a Deus.

Olhos

O pouco fruto deve-se ao ouvinte? Talvez.

Vieira inocenta os ouvintes. Eu não iria tão longe. Esta é a parábola dos solos. Apesar dos pregadores, chega boa semente aos solos.

A semente é a palavra de Deus, *Verbum Dei*, é Cristo. «Desde a queda do homem, Cristo tem sido o Revelador ao mundo», diz Ellen White. A palavra de Deus encerra dentro de si um princípio de vida, sendo, portanto, eficaz. O solo é que pode pôr tudo a perder.

A semente caiu em vários tipos de solo.

• Uma parte caiu à beira do *caminho*, e foi pisada pelos pés humanos, e as aves comeram-na. Esse solo representa o ouvinte desatento, superficial, cujo coração é uma estrada para o comércio do mundo — os prazeres.

Cristo identifica as aves com o diabo. Ele não diz que o diabo comeu a semente caída nos outros solos, mas só a pisada pelos homens. Acontece que é a semente rejeitada que costuma ser a palavra de Deus. E o diabo não a tolera. Tem medo dela. Prefere tirá-la de circulação.

• Outra parte caiu nos *pedregais*. Este solo simboliza aquele que ouve com alegria, mas não ama a verdade. Por não ter raiz, ele desanima quando vem a angústia. O egoísmo está no subsolo do coração; a plantinha não consegue sustento.

«Os ouvintes de pedregais confiam em si mesmos, em vez de confiarem

em Cristo», diz Ellen White. Eles não crucificaram o eu. O orgulho não deixa a planta nutrir-se de Cristo, por meio de uma união espiritual invisível.

• A terceira parte caiu nos *espinhos*. Por este solo, entenda-se a pessoa que ouve a palavra, mas se deixa seduzir pelos cuidados do mundo, o amor das riquezas e a ambição. A semente tem de concorrer com novelas, jogos, bebidas, dólares... Espinhos terríveis.

Os ouvintes dos espinheiros vivem dizendo que o sermão os pica; contudo, eles é que costumam picar o sermão.

• A última parte da semente caiu em *boa terra*. Graças a Deus. A «boa terra» são aqueles que ouvem, compreendem e apreendem a verdade, passando a amá-la e a vivê-la.

Nesse solo, quanto produziu a semente? Cem, sessenta e trinta por um. Quanto pastor gostaria de pregar cem sermões e ganhar pelo menos um converso! Um por cento. Cristo fala em cem por um. Que semente!

Isso não costuma acontecer, ou só acontece com uma supersemente. O *Comentário Bíblico Adventista* menciona uma plantação de trigo nos Estados Unidos que produziu 25 vezes mais: os 83,53 quilos semeados por hectare deram 2.088 quilos. Em Israel, a colheita foi de 1.210 quilos por hectare, uma média de 14,5% para o semeado. Compare isso com a semente do evangelho.

Vieira destaca que a semente enfrentou oposição de todos os tipos: das criaturas racionais (os homens), das criaturas sensitivas (os animais), das criaturas vegetativas (as plantas), das criaturas insensíveis (as pedras). Enfrentou tamanha oposição e venceu. Mais: venceu e, milagrosamente, produziu até cem por um ou dez mil por cento!

Por causa dos solos, perderam-se três partes, mas não a quarta e última. O mesmo pode acontecer conosco e com a nossa pregação. Se se perdeu três partes da vida entre espinhos, pedras e caminhos (quantos caminhos!), porque se há-de perder também a última parte?

Ah, que exemplo de perseverança esse semeador nos dá! Ah, que esperança essa semente me passa!

Marcos de Benedicto é o redactor da revista brasileira Mocidade, dirigida à juventude adventista.



O Estrangeiro Dentro das Tuas Portas...

Como relacionar-me com o meu amigo muçulmano

No contexto da Missão Global de Evangelização, a Conferência Geral estabeleceu vários centros de pesquisa e assistência ao evangelismo de grupos populacionais específicos.

O Centro Global de Estudos Islâmicos tem a sua sede no Colégio de Newbold, na Inglaterra, e é seu director o Dr. Borge Schantz, que nos enviou este estudo sobre o Islão em geral e a sua situação em Portugal.

O objectivo deste artigo é levar-nos a tomar consciência do desafio evangelístico que representa a presença do Islão na nossa vizinhança e mostrar-nos como poderemos ganhar pessoas que nos seus países de origem nem sequer poderiam aproximar-se do testemunho cristão.

As actividades da missão cristã mundial têm sempre sido realizadas em circunstâncias difíceis. Mas o povo islâmico é, provavelmente, aquele que maior resistência opõe ao Evangelho. Há razões sociológicas, históricas e teológicas para a sua recusa geral, não só de aceitarem o Cristianismo, mas até de prestarem atenção ao ponto de vista cristão.

Durante muitos anos, a questão é que eles estavam «lá», isolados dos cristãos pelo Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico. Mas hoje a situação é diferente. Os últimos 40 anos trouxeram os muçulmanos para os nossos países e agora eles são nossos vizinhos. Vieram para o «ocidente cristão» como imigrantes, refugiados, trabalhadores contratados e estudantes. E de repente, o que costumava

ser um trabalho missionário no estrangeiro, bastante dispendioso e envolvendo muito sacrifício, tornou-se evangelismo na nossa vizinhança.

Numa população mundial de 5.480 milhões, 988 milhões (18%) são muçulmanos e 1.833 milhões (33%) são cristãos. (Barret, 1992:27.) A maioria dos que seguem o Islamismo vivem em 40 nações. Entre estas encontram-se estados de grande população, tais como a Indonésia, o Bangladeche e o Paquistão. Na realidade, apenas 16% de todos os muçulmanos têm o árabe com sua língua materna.

Os muçulmanos constituem tanto as mais pobres como as mais ricas nações do mundo. Entre aqueles que oram voltados para Meca cinco vezes ao dia estão pobres camponeses do Bangladeche, que não sabem se e

quando vão ter a próxima refeição, e xeques do petróleo tão ricos que podem dar-se ao luxo de ter os seus aviões particulares equipados com camas de hospitais e médicos pessoais.

O Islão tentou por diversas ocasiões, através dos séculos, pôr o pé na Europa. E os árabes conseguiram-no, até certo ponto, em Espanha, Portugal e Sul da França. A Sicília esteve sob domínio islâmico durante 260 anos. Mas em todos estes lugares os muçulmanos não sobreviveram ao serem desarraigados pelos chefes cristãos.

Nos Balcãs, o Islão teve mais êxito. Por volta de 1700, o Império Otomano estava entrincheirado na Europa Oriental. Ali, em 1529 e 1663, os generais árabes otomanos bateram às portas de Viena de Áustria. Porém, no séc. XIX, os muçulmanos perderam o controlo dos Balcãs, onde foram reduzidos a minorias.

O verdadeiro desafio do Islão para as igrejas europeias veio com o influxo dos muçulmanos, logo a seguir à Segunda Guerra. Eles vieram para os nossos países como trabalhadores contratados, imigrantes, refugiados e estudantes.

Dr. Borge Schantz

Calcula-se que há em Portugal 16.000 muçulmanos, numa população de dez milhões e meio de habitantes. É um número que não pode deixar de ser comparado com os 7.449 adventistas que aqui temos.

Origens do Islão

O Islão surgiu no Século VII AD. Os anos de 800 a 1200 AD marcaram a «Era de Ouro» do Islão, em que os árabes mantiveram a tocha do conhecimento ardendo nos seus domínios, os quais se estendiam do Oceano Atlântico ao Oceano Índico. Nessa época, os sábios árabes brilhavam na matemática, na física, química, astronomia, geografia e medicina. Mais tarde, a desintegração das sociedades islâmicas levou à estagnação e decadência nas disciplinas culturais e científicas. Na cena militar, os muçulmanos perderam o antigo vigor. Estas são, sem dúvida, algumas razões pelas quais, por volta de 1920, todos os muçulmanos se encontravam sob o domínio ou influência (cristã) ocidental. Apesar de tudo, por volta de 1990, todas as nações islâmicas tinham recebido a sua independência.

O Fundador

Maomé (570-632 AD) foi o fundador do Islão. Órfão aos seis anos, tornou-se pouco depois mercador de caravanas de uma rica viúva, quinze anos mais velha do que ele, com quem acabou por casar, entrando assim para o negócio em Meca. Aqui, o templo (Caaba) tinha 365 ídolos que eram adorados pelas diversas tribos beduínas. O principal negócio em Meca era feito com os peregrinos a este antigo santuário.

Maomé passou algum tempo em retiro e meditação, revoltando-se contra o politeísmo rompante que então florescia ao seu redor. Segundo a crença muçulmana, o arcanjo Gabriel apareceu-lhe em 610 e durante os 22 anos seguintes revelou-lhe a Palavra de Deus, que foi mais tarde coligada no Alcorão.

As ideias de Maomé foram rejeitadas pelos dirigentes de Meca e, após severa perseguição, ele fugiu para Medina, em 622 AD. Esta fuga é chamada Hégira e constitui o ponto de partida da história islâmica. Em Me-

dina, Maomé foi bem recebido e em breve possuía um vasto número de seguidores. Mais tarde, os muçulmanos regressaram triunfantemente a Meca, da qual fizeram o centro do culto islâmico. A **Pedra Negra da Caaba**, provavelmente um meteoro, foi proclamada dádiva do Céu.

A religião que Maomé fundou chama-se Islão (o que significa «submissão a Deus») e foi a liga que conseguiu unir as tribos árabes desunidas e transformá-las num povo unido socialmente, culturalmente, linguisticamente e religiosamente.

Alá

O Islão baseia-se na crença de um só Deus, todo-poderoso, a quem o povo se deve submeter. Alá é tão diferente do homem que é impossível postular algo a seu respeito. Mesmo as características que lhe são atribuídas

O que costumava ser um trabalho missionário no estrangeiro, bastante dispendioso e envolvendo muito sacrifício, tornou-se evangelismo na nossa vizinhança.

não são as mesmas quando aplicadas aos humanos. Alá é auto-suficiente. Não pode ser afectado pelas acções das suas criaturas. Ele é a fonte tanto do bem como do mal. A sua vontade é suprema e não é limitada por leis ou princípios. Como resultado desta crença, o fatalismo tornou-se um modo de vida para os muçulmanos.

Embora existam notáveis semelhanças entre a crença dos cristãos no Deus da Bíblia, revelado em Jesus Cristo, e a crença dos muçulmanos em Alá, existem igualmente cruciais diferenças em conceitos. No fim de contas, o profeta Maomé era também um líder militar e um homem de estado. No cristianismo, Deus, que também é todo-poderoso, revela igualmente o Seu poder na fraqueza, humildade e sofrimento. A cruz é o pínaculo da revelação do amor de Deus,

demonstrado na humanidade de Jesus Cristo.

Alá tem tido numerosos profetas, talvez mais de 124.000, que, através dos séculos, revelaram a sua vontade e advertências à humanidade. Os mais importantes destes profetas são também bíblicos e incluem Adão, Noé, Abraão, Moisés e Jesus. Contudo, Maomé é o maior e o último de todos os profetas. As suas revelações resumem e substituem tudo o que antes foi dado.

O Pecado

O conceito de pecado, diferente no Islão e no Cristianismo, é talvez o maior obstáculo à evangelização dos muçulmanos. No Islão há três categorias de pecados. Alguns pecados são apenas faltas, limitações humanas ou negligência. A sua consequência é mais uma sanção do que um castigo. Outros pecados são mais sérios e incorrem mesmo em castigo. Entre estes estão a desobediência aos pais, o assassinio de um muçulmano, o adultério ou a calúnia a um muçulmano virtuoso. O pecado imperdoável é «shirk», o crime de colocar outros deuses ao lado de Alá (Glasse 1989:32, Jomier 1989:46, 47).

Crenças

O Islão baseia-se em **cinco pilares**, os principais pontos do Credo. O primeiro é a profissão de fé (Chahâda): «Creio que não há deus senão Alá, creio que Maomé é o seu profeta.» O segundo pilar é a oração (Ealât), cinco vezes ao dia, a determinadas horas (as orações do meio-dia de sexta-feira são as mais importantes). A seguir vem o jejum (Çaum) no Ramadão (o nono mês do Calendário Islâmico), e as proibições alimentares. O quarto pilar é a esmola ou dízimo legal (Zakat), dada de acordo com os ganhos ou a propriedade que se possui. O último pilar é a peregrinação a Meca (Hajj).

Espera-se de um muçulmano que adira estritamente aos Cinco Pilares. Todavia, para pessoas e situações em que haja dificuldade para esta estrita observância, há excepções razoáveis.

O Alcorão

O Alcorão é a revelação perfeita de Deus. É uma reprodução das tábuas

Juventude

N.º 11 — FEVEREIRO 1994

PÁGINAS DEDICADAS AOS JOVENS, TIÇÕES, DESBRAVADORES E COMPANHEIROS DA IGREJAS ADVENTISTAS EM PORTUGAL

Projecto ALPPHA

Onda da Amizade... uma explosão de alegria e juventude por Terras do Alto Minho

Numa iniciativa do **Projecto Alpha** e do programa **Nascente de Esperança**, a *Onda da Amizade* lançou-se estrada fora por Terras do Alto Minho, «Espalhando a Semente».

Uma caravana com cerca de vinte viaturas, duas das quais de transporte de mercadorias, para apoio no transporte de equipamento e de cerca de setenta e cinco jovens, avançou **Alto Minho** dentro, para levar aos outros a fé que professamos, através do cântico, da música, do audiovisual, da saúde, da página impressa e do contacto pessoal.

Logo após as actividades de Sábado, 30 de Outubro, que tiveram lugar na igreja de Viana do Castelo, onde o seu Clube TDC festejou o sexto ano da sua existência, a caravana par-

tiu para Ponte de Lima, com as viaturas engalanadas de autocolantes, altifalantes e megafones. Nem a acção da Brigada de Trânsito, que durante alguns momentos imobilizou uma das nossas viaturas (que logo mandou prosseguir quando se apercebeu das razões porque ali nos encontrávamos) conseguiu afectar a nossa determinação de avançar. No Monte da Madalena revigorámos nossas forças com um almoço-convívio. A chuva, que ameaçava cair, não foi suficientemente convincente para nos desanimar. Ao princípio da tarde, num dos principais jardins da cidade, gentilmente cedido pela Câmara Municipal, montámos o primeiro Stand Missionário, embelezado por quatro grandes guarda-sóis com os logotipos gravados do



Programa no Lar de 3.ª Idade — Paredes de Coura

Projecto Alpha e da ASA [Assistência Social Adventista] colocados sobre duas gigantescas mesas. Estes, juntamente com alguns expositores e escapartes publicitários, chamaram, com o seu colorido, a atenção dos transeuntes que se foram abeirando do local.

Ali, ao som dos altifalantes, as palavras de ordem: **Doenças não metem medo se a prevenção for o segredo; A ASA aconselha: controle a tensão arterial; Juventude em acção** e muitas outras, dava-se início a um programa de Rastreamento de Tensão Arterial, cuja equipa, chefiada pelo Dr. Joel Monteiro, foi apoiada por enfermeiros e estudantes de medicina e de enfermagem e socorristas. Entretanto, os restantes jovens participavam numa sessão de canto ao ar livre que, lia-se no rosto da assistência, encheu de alegria aquela praça. Paralelamente, muitos dos nossos jovens tomaram a iniciativa de distribuir, pessoalmente, pelos presentes,

revistas, *Saúde e Lar*, *Sinais dos Tempos* e *Nosso Amiguinho*, conjuntamente com outras publicações da Liga Portuguesa Contra o Cancro, Jovens Pró-Vida, etc.

Depois de quase duas horas de programa, partimos para Paredes de Coura, onde nessa noite os nossos jovens cantaram para a população local. Em seguida, o **Grupo Adonai** apresentou o Programa musical e audiovisual «O Clamor das Águas», que relembra a tragédia do Dilúvio e compara os tempos de então com o tempo actual (não entendemos a razão porque, quando da apresentação deste programa, duas máquinas se mostraram inoperacionais para a projecção dos slides, tendo havido necessidade de recorrer à máquina existente no Hospital local. Ou será que entendemos?). Em seguida os nossos jovens cantaram de novo. Este programa foi realizado no Salão dos Bombeiros, tendo contado com o apoio da Associação dos



Programa na Praça Pública em Ponte de Lima



Contacto com a população em Caminha

Dadores de Sangue, uma das melhor organizadas do país — no dizer dos seus dirigentes — e que goza de grande prestígio e influência. Foi esta Associação que nos proporcionou uma sessão de Controle de Tensão Arterial que na manhã seguinte levámos a efeito junto do Lar da Terceira Idade N. S. Conceição. Ali, também, os nossos jovens tiveram o privilégio de dar o seu testemunho através do canto. Esta feliz oportunidade, recheada de calor humano, ficará bem vincada nas suas mentes durante muito tempo, tendo em conta as belas experiências por si vividas no contacto com aqueles velhinhos carentes de carinho, cujas lágrimas fizeram esquecer o cansaço que começavam a sentir, advindo da intensidade do programa. O Pavilhão Gimnodesportivo, cujas instalações são muito acolhedoras, foi-nos gentilmente cedido pela Câmara Municipal para nos servir de abrigo durante a nossa estadia ali. Logo após o almoço de Domingo partimos para Caminha, onde nos esperava um banho de multidão. Os stands montados junto à Praça 25 de Abril, em local de muito movimento, rapidamente ganharam uma popularidade invulgar, tendo sido muito frequentado o serviço de Tensão Arterial e de distribuição de folha impressa. Revistas e impressos foram ali espalhados «como folhas de outono».

O programa musical, cheio de

atractivos, cativou grande número de pessoas (algumas visivelmente pertencendo a estratos sociais médios) que, sentadas em pleno chão, ali ficaram durante muito tempo a assistir e participar nos nossos cânticos de esperança.

Elevou-se a algumas centenas o número de pessoas contactadas em Caminha. Ali ficou lançada uma semente que não sabemos como e quando germinará, mas que, tendo em conta as inúmeras trocas de moradas feitas entre os nossos jovens e os jovens da localidade, acreditamos que dará os seus frutos.

Já exaustos e semi-roucos, mas com o coração cheio de alegria, partimos para Freixieiro de Soutelo, onde ficámos instalados na Casa do Povo local. Rapidamente organizámos uma reunião de convívio com a população, que respondeu em grande número aos nossos apelos publicitários. A Mensagem também ali ficou a germinar.

Na manhã de Segunda-Feira, feriado nacional, programada para relaxar desses dias de actividade intensa, fomos fazer o previsto *passeio micológico*, cuja recolha serviu apenas para nos abrir o apetite por aqueles fungos simpáticos e invulgarmente gostosos — os cogumelos.

Depois do almoço, após uma pequena reunião de reflexão sobre o trabalho efectuado, constatámos, com muita alegria, que havia, na generalidade dos jo-

vens presentes, um grande sentimento de realização cristã, uma ânsia enorme em continuar com este tipo de programas, de envolvimento em trabalhos mais ambiciosos, queriam **trabalhar** (alguém disse que os jovens não gostam de trabalho missionário?).

Mas o programa não chegara ao fim, faltava ainda a sessão de encerramento. Partimos, ansiosos e expectantes (a chuva caía teimosamente) para a Praça da República, em Viana do Castelo. Quando ali chegámos, como que providencialmente, a chuva parou. Uma multidão de pessoas foi-se aproximando ao chamado do megafone, muitos

jovens vianenses se juntaram aos nossos jovens para cantar e conviver, a voz da *Juventude Adventista* ecoou bem alto nos céus de Viana, ocultando as chorosas nuvens que insistiam em cair e que **Força Poderosa** sustinha lá bem alto, para que pudéssemos terminar a nossa missão. Ali ficava lançada a semente desse Evangelho que queremos proclamar a toda a gente para que Cristo possa voltar bem depressa.

Na hora da despedida, as lágrimas de gratidão, de alegria, do dever cumprido... e partimos (a chuva voltara, mas já não incomodava!).

Terminava assim uma feliz

TESTEMUNHOS

«É um pouco difícil exprimir o que foi para mim aquela experiência no Lar de Idosos em Paredes de Coura, ou melhor, quando penso naqueles idosos, há 2 sentimentos antagónicos que, em mim se evidenciam. O da tristeza, quando lhes contemplava o olhar solitário, como se nós lhes estivéssemos a pedir uma espécie de "favor", como se eles fosssem completamente inúteis a partir de uma determinada idade. (...)

«O outro sentimento foi o de alegria por ter constatado que realmente vale a pena lembrar que todos são sensíveis ao sorriso que transmite: "Preocupo-me contigo."

«Graças a Deus, por isso! E acima de tudo!

Cristina Dias

Encontrando um velhinho, dá-lhe a mão,
Porque já foi na vida o que és agora
Sentiu nascer-lhe o sol no coração,
Sorriu de encantamento à luz da aurora.

Sofreu, talvez, pela existência fora,
Lavrando a terra, desbravando o chão;
Hoje, a saudade só lhe lembra outrora,
Aqueles tempos que tão longe vão.

Não lhe negues o amparo dos teus braços,
Põe os teus olhos nos seus olhos baços
E ouve-lhe a voz de aviso e de conselho.

O que lhe faças, por amor e bem,
Assim um dia te farão também,
Quando chegares — Deus o queira — a velho!

Paulo Gaspar

Testemunho e Poema escritos depois da participação na ONDA DA AMIZADE POR TERRAS DO ALTO MINHO, depois de viver a experiência passada no Lar da Terceira Idade N. Sr.ª da Conceição (Paredes de Coura) — Projecto ALPPHA - Out./93

jornada missionária que dificilmente iremos esquecer. Nella foram envolvidas verbas na ordem de algumas centenas de contos (grande parte para aquisição de equipamento a ser utilizado em acções futuras). Mas isso que importa? De novo pudemos sentir o apoio de entidade oficiais, civis e particulares que confiaram em nós: Algumas Câmaras Municipais, Instituto da Juventude de Viana do Castelo, B.V. e Associação dos Dadores de Sangue de Paredes de Coura, Casa do Povo de Freixieiro de

Soutelo, Publicadora Atlântico, empresas particulares e muitas pessoas, a título pessoal. De novo contámos, também, com o apoio da comunicação social que contactámos: alguns jornais regionais e rádios locais.

Como diria uma velhinha daquele Lar, «não sabemos como agradecer. Bem hajam!»

O projecto ALPPHA está em marcha.

José Carlos Cidra Moura
José Luis Sepúlveda
Projecto Alpha-Out.93

Projecto Natal Amigo

No dia 19 de Dezembro de 1993, Domingo, pelas 10 horas, o Clube dos Tições, Desbravadores e Companheiros do Seixal levou a efeito o 1.º Projecto «Natal Amigo» no concelho do Seixal. Esta iniciativa nasceu no coração da jovem Patrícia Silvestre que, pelos bons resultados atingidos na cidade do Por-

to, desejou efectuar a mesma experiência neste concelho.

De imediato começou a efectuar contactos com as entidades civis, Câmara Municipal do Seixal (Pelouro da Cultura), Acção Social das Escolas Primárias n.º 1 e 2 de Arrentela e Santa Casa da Misericórdia, que acolheram esta iniciativa com mui-



quedados pela zona residencial da Quinta do Cabral e Qtas. Vale de Carros (Arrentela e Seixal), entre as 10h30 e as 14 horas do dia 19 de Dezembro de 1993.

Dado o êxito deste projecto «piloto» no concelho do Seixal, no ano de 1994 este Clube pensa estender esta iniciativa a outras zonas residenciais. Desde já a Direcção do Clube agradece todo o apoio e cola-

to agrado, dispondo-se de imediato a dar a sua melhor colaboração.

Por outro lado, e devido à natureza do projecto, contactaram-se vários estabelecimentos comerciais e particulares a fim de recolhermos géneros alimentícios, roupas e brinquedos para serem distribuídos pelas crianças e famílias mais carenciadas, tendo-se no final oferecido 11 cabazes de Natal, 1500 peças de vestuário, e 500 brin-

deiração que a Câmara Municipal do Seixal (Pelouro da Cultura), Acção Social das Escolas Primárias n.º 1 e 2 da Arrentela e Santa Casa da Misericórdia do Seixal, Departamento dos Jovens da igreja das Paivas e à responsável espiritual, pastora Hortelinda Gall, com um apreço especial à nossa jovem Patrícia Silvestre.

Rogério Baltazar (Caimão)
Clube T.D.C. Seixal



TDC do Seixal

No dia 24 de Outubro, p.p., às 16 horas, na igreja de Lisboa Central, os jovens do Clube T.D.C. do Seixal puderam assistir e participar no baptismo do nosso jovem João Miguel Vilas Boas, pela mão do pastor Eduardo Graça.

Como poderão calcular, foi um dia muito feliz, não só na vida deste jovem como na dos seus pais, que estavam presentes, mas também no seio do

próprio clube e sua direcção. Esperamos e fazemos votos para que este passo tão importante e cheio de significado possa ajudar outros jovens na decisão de se unirem a Jesus.

No dia 12 de Dezembro de 1993, o clube dos T.D.C. do Seixal lançou a primeira «pedra» para as obras de beneficiação na antiga igreja do Seixal.

Devido aos anos que esta sala tem, as paredes encontram-se



Batismo do jovem João Miguel Vilas Boas

bastante danificadas e, num objectivo de voltar a dar a esta sala o bom uso que ela pode representar para a comunidade do Seixal, a direcção deste agrupamento e os seus jovens decidiram pôr mãos à obra e efectuar uma restauração nas instalações.

Neste propósito, estes jovens lançam um Convite amigo a to-

dos os seus irmãos adventistas que desejem ajudar na restauração desta sala, pois, para além dos tijolos, cimento, areia, tintas, mosaicos, etc., é sempre necessário algum dinheiro para comprar estes materiais. Contamos convosco desde já e muito agradecemos.

Neste momento, já temos 30 tijolos de 11, 2 sacos de cimento e 4 m³ de areia, mas ainda precisamos de 1500 tijolos de 11, ci-

mento e areia para levantar as paredes, assim como 80 m² de mosaico, 1 sanita, 1 lavatório, torneiras, 50 litros de tinta branca, algum verniz, etc. A todos os que acreditarem nesta causa e ainda vivem para ela, bem hajam!

Rogério Baltazar (Caimão)
Pelo Clube TDC do Seixal



Lançamento da «1.ª Pedra» nas Obras de restauração da antiga Igreja do Seixal.

Congresso Internacional de Jovens — Lausana, Suíça, 26 a 30 de Julho de 1994

«A Esperança Une».

Eis o lema do Congresso Internacional de Jovens Adventistas, que marcará todas as suas actividades.

O programa começará cada manhã às 8h45, com o louvor. Seguir-se-á o estudo bíblico dirigido pelo Dr. Jacques Doukham. Virão depois os relatórios, que serão apresentados de maneira original, subordinados ao tema: «Unidos na Acção». As equipas de voluntários que trabalharam no Nepal, Cabo Verde, Caen e Burgdorf relatarão as suas experiências.

A parte da tarde será dedicada a ateliers. Para este efeito estão reservadas sete salas. Entre os oradores contam-se: Hans Gerhardt, Rolf Pöhler, Richard Barron, David Wong, Sylvain Ballais, Bernhard Bleil, Jean-Michel Martin, Christian Boiraud. Os temas procurarão dar resposta a questões actuais. Eis alguns exemplos:

- Porque ser adventista? Não basta ser cristão?
- O estilo de vida adventista está ultrapassado?
- O poder da oração
- O adventismo e o racismo
- O prometido Espírito Santo
- A sexualidade
- A evangelização pelos jovens
- Desportos

Os estudantes terão um encontro com Ronald Stradowsky,

departamental de Educação da Divisão Euro-africana. Este encontro será, talvez, o embrião de uma associação europeia de estudantes. Para os desportistas haverá corridas, basquetebol, etc. no programa da tarde.

E à noite? Os serões também serão vividos sob o lema da esperança e da unidade. Terão como palavras de ordem: «Unidos na Alegria», «Unidos na Fé», «Unidos no Compromisso». Uma grande cerimónia baptismal constituirá um dos momentos altos deste Congresso. Cantar-se-á, orar-se-á e ouvir-se-ão os melhores grupos musicais da nossa Divisão. E, finalmente, todos farão um compromisso com o Senhor, «Unidos na Esperança».

Sendo embora um congresso europeu, esperam-se delegações de África, América do Norte, Brasil e Polinésia Francesa. Será, por conseguinte, um congresso multicultural, reunido sob o lema: «A Esperança Une».

É preciso que este Congresso seja uma poderosa mensagem de esperança, dirigida ao mundo de hoje e, particularmente, aos nossos jovens. Contamos convosco. Venham participar deste congresso. Inscrevam-se já.

John Graz
Director JA da DEA

Para mais indicações, contacte o

Departamento JA da União Portuguesa ASD
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex

Tel.: 01-542169
Fax. 01-3154980

gravadas no céu em língua árabe, a qual é considerada por alguns a língua dos anjos. O texto do Alcorão é visto como santo e perfeito, devido à forma milagrosa como a vontade de Alá se comunicou e manifestou a Maomé. Embora o Alcorão esteja traduzido em mais de 125 línguas, só o Alcorão árabe possui autoridade. Todas as traduções, mesmo as mais correctas, são classificadas apenas como explicações do Alcorão. Afirma-se que nem Maomé nem qualquer outro ser humano tem qualquer parte na autoria do Alcorão. Este é considerado como a verdadeira fonte de todo o conhecimento, verdade e ciência. Por estas razões, um muçulmano não pode fazer qualquer crítica ao Alcorão. Aqui reside uma armadilha em que os cristãos caem tão facilmente algumas vezes, nomeadamente na «guerra dos livros». É tão fácil conversar com um muçulmano e comparar o Alcorão e a Bíblia! Mas tal comparação não é válida, porque, para os muçulmanos, o Alcorão é perfeito e, conseqüentemente, está para além de qualquer censura. Mas para o cristão, a Bíblia, sendo embora venerada e guia divino de Deus, não é perfeita. O Espírito Santo usou seres humanos como locutores. Estes, porém, mantiveram os seus estilos de escrita e personalidades. A suprema revelação de Deus não é um livro, mas a pessoa de Jesus Cristo.

No Islão a Palavra de Deus torna-se livro; no Cristianismo a Palavra de Deus torna-se carne.

Os Seis Artigos de Fé

Em adição aos Cinco Pilares, o Islão tem cinco (alguns dizem seis) Artigos de Fé. Estes incluem as Doutrinas de Alá, os Anjos, os Livros Revelados, os Profetas e as Últimas Coisas. A isto, alguns acrescentam a **Jihâd** (Guerra Santa), com acções defensivas e ofensivas pela fé. Os muçulmanos mais moderados interpretam o conceito de Jihâd como significando qualquer luta contra o subdesenvolvimento e a injustiça (Jomier 1989: 121).

A Hadith e a Lei Shari'ah

Sendo o Alcorão apenas um pequeno livro, não podia cobrir todos os as-

pectos da vida. Foi, pois, aumentando pelo **Suna**, o exemplo falado e actuado de Maomé, o qual viveu uma vida sem faltas, pelo que é um exemplo perfeito a ser seguido. O registo escrito das palavras e actos extra-corânicos de Maomé foram coligidos na **Hadith**, 250 anos após a sua morte. Juntamente com o Alcorão, a Hadith é a base da **Lei Shari'ah** que trata de todos os aspectos da vida islâmica (religiosa, social, política e económica). Contudo, só poucos países foram capazes de aplicar a Lei Shari'ah com os seus rigorosos castigos aos transgressores (Glasse 1989:362).

O Estilo de Vida Muçulmano

Outros traços islâmicos significativos são que a poligamia (até 4 esposas) é permitida, comer carne de porco e beber álcool é proibido. No Islão não há sacerdócio, não há sa-

A suprema revelação de Deus não é um livro, mas a pessoa de Jesus Cristo. No Islão a Palavra de Deus torna-se livro; no Cristianismo a Palavra de Deus torna-se carne.

crifício e geralmente não há nem santos nem relíquias para protegerem ou ajudarem na infertilidade e outros problemas. Todavia, a um nível popular, a maioria dos muçulmanos, talvez influenciados pelas religiões ao seu redor (Hinduísmo, Religiões Tradicionais, etc.), praticam uma espécie Islão Popular, que envolve magia, feitiçaria e veneração de santos (Musk 1979:208 f).

Resistência ao Cristianismo

A resistência islâmica ao Cristianismo, com mútua animosidade e suspeita entre os seguidores das duas religiões mundiais, tem pelo menos quatro causas. A primeira é que existem poderosas diferenças de credo. As mais notáveis são a pessoa de Jesus Cristo, a autenticidade das actuais Escrituras, o dom profético de Mao-

mé e as doutrinas da salvação. A segunda, é que há também confrontações políticas e históricas em que ambos se degladiam pela supremacia entre os países à volta do Mar Mediterrâneo. Em terceiro lugar, temos de acrescentar o facto de que, como religiões missionárias, ambas têm a ambição de se expandirem e frequentemente centram o seu proselitismo nos mesmos povos.

A quarta razão para a falta de êxito na evangelização dos muçulmanos é que os cristãos, na sua proclamação e prática, falam geralmente dos pontos teológicos e doutrinários em que estão em desacordo. Na realidade, nós nunca procurámos dar resposta às crenças e necessidades do muçulmano comum. Isto, apesar do facto de 80-90% de todos os muçulmanos terem de algum modo conceitos sincréticos, em que crenças e práticas não islâmicas se misturam com doutrinas e costumes muçulmanos.

Testemunhar a Muçulmanos

Como relacionar-nos então com um vizinho vindo de um meio islâmico? Em primeiro lugar, temos de ter presente que há tantas espécies de muçulmanos quanto há de cristãos. As atitudes para com a doutrina e prática islâmica vão dos fundamentalistas islâmicos — que tomam à letra o Alcorão, seguem de perto as tradições e acreditam que a solução para o mal de hoje se encontra num retorno às condições prevaletentes entre os muçulmanos nos dias do seu pioneirismo — até aqueles que, no seu liberalismo, mantêm simbolicamente apenas algumas ideias muçulmanas. Alguns servir-se-ão até da oportunidade de se encontrarem «num país distante», onde não existe a pressão da família ou da mesquita, para viverem as suas próprias vidas de modo contrário às tradições islâmicas. Entre estes dois extremos encontrar-se-á o místico, que busca uma espécie de união com Deus, e o sincretista, que está pronto a misturar crenças e práticas islâmicas com costumes religiosos locais (McCurry 1981:63). Diversas como são as suas posições teológicas, os muçulmanos, quando estudam no estrangeiro, têm duas coisas em comum: estão longe da pressão di-

recta da comunidade e experimentam, em graus diferentes, um estado de transição que os torna abertos e às vezes até susceptíveis de serem ganhos.

Partilhando a Nossa Fé

Eis alguns pontos de orientação geral que poderão ajudar-nos no nosso testemunho a um muçulmano:

1. Contacte com o seu amigo muçulmano como dirigindo-se a uma pessoa e não a um indivíduo estranho, eventualmente passível de conversão. Antes que o testemunho tenha lugar, é importante que confiança e compreensão mútuas constituam já uma sólida base de relacionamento. Uma relação de amor/confiança deveria ser, por si só, um objectivo a alcançar e não uma maneira de evangelizar. Tal relação deveria ser genuína, vinda do coração.

2. Ouvir e aprender. Ao contrário da maioria dos cristãos, muitos muçulmanos não hesitam em falar abertamente da sua religião. Não discuta os pontos em que há maior divergência, que mencionámos acima, até ter alcançado uma relação de confiança.

3. Partilhe uma experiência pessoal. Diga ao seu amigo muçulmano o significado que Cristo tem para si. Isso pode ter mais poder do que argumentos bem fundamentados, baseados numa compreensão da teologia e práticas muçulmanas. Nesta experiência de falar de Cristo, é bom deixar que o seu amigo muçulmano fale também da sua fé. Fale-lhe do que a oração é para si; fale-lhe dos seus sentimentos sobre a morte e o juízo. Tais conversas demonstrar-se-ão interessantes, instrutivas e poderão até constituir-se avenidas para maiores aberturas.

4. Convites para actividades cristãs ou da Igreja são outras formas de testemunho. Contudo, é bom que tenha a certeza de que sabe o que vai ter lugar na igreja nessa ocasião. Pode haver determinados sermões que sejam ofensivos para o muçulmano ou que o afastem da igreja. Uma refeição-piquenique pode ser uma boa ocasião. Nestas refeições, cada membro traz algo feito de casa que depois é partilhado em conjunto. Em muitas culturas islâmicas partilhar uma re-

feição é um selo de amizade.

5. O uso de literatura cristã é uma excelente forma de contacto. A Bíblia será certamente o mais poderoso de todos os testemunhos. A Bíblia é três vezes maior que o Alcorão e é diferente no estilo. Um muçulmano não deveria ser encorajado a lê-la toda numa vez. Numa fase inicial, certos livros e capítulos são mais facilmente aceites do que outros. Comecem com o Génesis e o livro de Provérbios: São bem compreendidos e aceites pelos muçulmanos. Lucas será um bom começo para o Novo Testamento. Outros livros cristãos podem ser também de auxílio. Contudo, o Evangelho em si mesmo e por si mesmo «é o poder de Deus para a salvação». Um facto importante, que frequentemente esquecemos e negligenciamos no evangelismo em favor dos islâmicos, é que temos a tendência de usar toda a espécie de pontos

Mesmo quando um muçulmano está convencido de um argumento cristão, pode ser extremamente difícil e às vezes até perigoso mudar de religião.

contundentes nos nossos contactos com os muçulmanos (Goldsmith 1982:109 f).

O espaço não permite esquematizar mais formas de contacto. Talvez nem sejam necessários mais detalhes. Nos nossos encontros com muçulmanos — como com qualquer outro grupo de pessoas — o amor, o interesse pelas pessoas, a honestidade e a espontaneidade constituem a melhor e mais convincente forma de contacto.

Por último, uma palavra de advertência. Devemos lembrar-nos de que, para os muçulmanos, o Islão não é apenas uma religião com um credo e rituais. É um modo de viver total, completo, que não abrange somente as práticas religiosas, mas também os negócios, a política, as leis, a educação, as relações humanas e familiares como um todo. O extremo individualismo que conhecemos no

Ocidente é não-islâmico e não-apreciado.

Em virtude disso, esta ideia deveria tornar-nos sensíveis e paciente nas nossas actividades de testemunho e persuasão. Lembremo-nos de que mesmo quando um muçulmano está convencido de um argumento cristão pode ser extremamente difícil e às vezes até perigoso mudar de religião fora e sem a aprovação do círculo protector da família.

Possa Deus ajudar-nos nesta nobre mas difícil missão cristã de partilha a nossa fé com os muçulmanos que vivem dentro das nossas portas!

Bibliografia

Barret, David B. «Annual Statistical Table of Global Mission 1992». *International Bulletin of Missionary Research*, vol. 16, nº 1, Janeiro de 1992.

Glasse, Cyril. *The Concise Encyclopedia of Islam*. São Francisco: Harper and Row, 1985.
Goldsmith, Martin. *Islam and Christian Witness*. MARC Europe, 1982.

Jomier, James. *How to Understand Islam*. Londres: SCM Press, 1989.

McCurry, Don M. *Muslim Awareness Seminar*. Pasadena, CA: Samuel Zwemer Institute, 1981.

Musk, Bill A. «Popular Islam: The Hunger of the Heart» in *The Gospel and Islam*, p. 208f. Editado por Don M. McCurry. Morróvia, Califórnia: MARC, 1979.

Literatura recomendada sobre o Islão e Evangelização dos Muçulmanos

Anderson, Norman. *Islam in the Modern World*. Leicester, Inglaterra: Apollon, 1990.
Cragg, Kenneth. *The Call of the Minaret*. Nova Iorque: Orbis Books, 1985.

Guillaume, Alfred. *Islam*. Nova Iorque: Penguin Books, 1954.

Oster, Kenneth. *Islam Reconsidered*. Nova Iorque: Exposition Press, 1979.

Parshall, Phil. *The Cross and the Crescent*. Amersham, Reino Unido: Scripture Press, 1989.

Wieland, Robert J. *In Search of the Treasure of Faith*. Cidade do Cabo, África do Sul: Southern Publishing Association, sem data.

Woodberry, J. Dudley. Editor, *Muslims and Christians on the Emmaus Road*. Monróvia: Califórnia: MARC, 1989.

O Dr. Borge Schantz é o director do Centro Global de Estudos Islâmicos.

Viver Sacrificial



Robert S. Folkenberg

Gostaria de falar-vos hoje sobre o *viver sacrificial*. Antigamente, esta expressão era muito comum no nosso meio e ouvíamos falar deste assunto constantemente. Mas agora quase nem o mencionamos. Tornou-se obsoleto no nosso vocabulário e no nosso estilo de vida actuais.

Porquê? Não conheço todas as razões, mas penso que isso tem algo a ver com a nossa subtil aceitação do «sonho» de ter dinheiro suficiente para nos provermos de todos os acessórios materiais que a sociedade acha que uma pessoa ou família de êxito deve possuir.

É evidente que todos desejamos ser pessoas de êxito, bem sucedidas na vida. E, certamente, Deus também deseja que tenhamos êxito. Mas não é este o ponto a que aqui me refiro. Estou falando de uma questão que deve ser, simultaneamente, tema de reflexão e preocupação: Que estamos *fazendo* com o dinheiro que recebemos?

Será que o estamos gastando todo conosco e tornando-nos, como o anjo disse à igreja de Laodiceia, «ricos e enriquecidos» (Apoc. 3:17)?

«Obrigado, Senhor!»

Ou estaremos gastando e dando o nosso dinheiro de acordo com a instrução cristã que temos, de que, quando nos tornamos cristãos, o nosso tempo também Lhe pertence? O nosso dízimo, um teste à nossa obediência, constitui-se uma lembrança de que todo o nosso dinheiro pertence a Deus. Por outro lado, as nossas ofertas não são uma prova de obediência, porque são dadas na proporção do nosso amor a Deus e das bênçãos que Ele nos concedeu. Através das nossas ofertas, manifestamos a nossa gratidão, dizendo efectivamente: «Obrigado, meu Deus, por Tu seres a fonte da minha paz de espírito, da minha prosperidade e promessa para o futuro.»

O que me preocupa é que nós frequentemente fazemos coisas só para nós mesmos, até ao excesso, negando aos outros, desse modo, o acesso ao Evangelho. E isso acontece tanto a nível pessoal como

a nível colectivo ou congregacional. Porquê? Porque restringimos tanto o nosso campo de visão que deixamos de ser capazes de ver para além das necessidades legítimas na nossa vizinhança, na nossa cidade ou no nosso país. Com uma visão tão estreita, os gastos de uma pessoa poderiam ser considerados normais. Mas numa perspectiva global, as nossas prioridades podem parecer absolutamente ofensivas.

A nível colectivo ou congregacional nós passamos frequentemente por alto os nossos princípios espirituais individuais. Por exemplo, o nosso desejo de construir um belo edifício de igreja, que atraia as pessoas e torne a hora do culto confortável, é maravilhoso. Quase toda a gente gosta de frequentar uma igreja bonita.

Mas como equilibrar a construção de igrejas e outros equipamentos que, em determinados lugares do mundo, ultrapassam o conforto e quase tocam as raíais do luxo, quando noutras áreas — fora da nossa vista — nem sequer existe a mais simples estrutura de igreja? Calcula-se que só no Continente Africano há mais de 3.000 congregações que não têm nem ao menos um abrigo sob o qual se reunirem. Para muitas destas congregações, construir uma igreja custaria apenas 450 mil escudos, o preço de um telhado de chapa ondulada. O resto, eles estão prontos e desejosos de arranjar. No México, há centenas de congregações que não têm *nenhuma* igreja. Na República Dominicana, mesmo depois do Grupo Maranata ter construído, no ano passado, 25 novas igrejas, são ainda necessários 80 edifícios de igreja. O Haiti precisa de mais 140. E eu poderia mencionar países e mais países, em todo o mundo, que precisam de auxílio externo para construir o mais simples lugar de culto.

Confortável Excesso

E aqui estamos nós, sentados no nosso conforto, gastando dinheiro em bens e coisas boas e necessárias para nós e as nossas congregações. Esses outros não são problema meu. Todavia, mesmo fazendo coisas boas, é possível chegar ao

excesso. E quando o meu excesso, individual ou corporativo (como Igreja e instituições) nega aos outros as suas necessidades básicas e, particularmente, a oportunidade de ouvirem a mensagem do Evangelho, então as nossas prioridades precisam mesmo de ser revistas.

Precisamos de certificar-nos de que, nas nossas decisões individuais e colectivas, gastamos o nosso dinheiro em coisas que, de facto, farão avançar a obra de Deus, e não em coisas que visam tão-somente satisfazer necessidades ou desejos pessoais. Precisamos de acautelar-nos quanto ao perigo de as nossas igrejas se tornarem mais como clubes sociais do que agências ganhadoras de almas, comissionadas por Deus para levar a Sua mensagem de esperança ao mundo.

Concordo com o que Tom Sines declara no seu livro *A Conspiração da Semente de Mostarda*: «Em vez de sermos personalidades autónomas, fazendo 'o que nos convém', somos chamados a ser pessoas submissas à Sua vontade, partilhando a nossa vida em comunidade. Em vez de gente aquisitiva, lutando e competindo pelos nossos ganhos egoístas, Deus chama-nos a ser servos que colocam as necessidades dos outros antes das suas próprias (ver Rom. 12:10).»

Creio firmemente que só na medida em que, colectivamente, voltarmos à nossa experiência *individual*, o nível *colectivo* — a nossa igreja — começará a revestir-se do fervor espiritual da nossa espiritualidade individual.

Somente então seremos impelidos a perguntar: «O que é que vamos fazer *juntos* para ajudar a terminar a obra?»

Somente então a obra de Deus avançará em todo o mundo, sem ser estorvada por limitações financeiras.

Somente então nos moveremos do nosso egoísmo colectivo para o sacrifício colectivo, demonstrando que o Cristianismo *opera uma diferença* na maneira como vivemos as nossas vidas.

Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A Rádio Mundial Adventista e a Pregação do Evangelho

No mês de Fevereiro, será levantada uma oferta mundial para a Rádio Mundial Adventista (AWR). A rádio é presentemente a única forma de pregação em muitos lugares do mundo.

Muito se tem feito, mas muito há ainda a fazer.

Hoje é um dia de oportunidades!

Por ocasião da última Conferência Geral, em Indianápolis, foi levantada uma oferta para a AWR. O seu objectivo era ampliar a área de audição da AWR. Estava-se então em 1990, mas ninguém poderia ter imaginado as mudanças que muito em breve iriam alterar a face da Europa.

Os países do Leste Europeu eram então uma prioridade evangélica que não sabíamos como concretizar. Hoje, quase todos eles conseguiram frequências radiofónicas em organizações colectivas ou em nome individual e a Mensagem Adventista está sendo pregada a milhões de pessoas dessas regiões.

Todavia, há ainda muito a fazer. Muitos dos Países do Leste lutam por consolidar a obra da rádio, necessitando estabelecer estúdios e treinar pessoal para os operar. Outros precisam de equipar-se para prepararem programas para as emissões internacionais da AWR.

A Rádio Mundial Adventista está também dando assistência financeira ao es-

forço evangélico através de rádios locais que permitam a difusão do Evangelho em lugares em que esta é a única forma de o fazer.

Na Roménia, por exemplo, a Igreja conseguiu comprar tempo de antena em quatro cidades: Brasov, Bucareste, Constanta e Timisoara. Mas além disso, os irmãos estão também a preparar programas para a AWR, pelo que é preciso fazer um esforço especial para equipar os respectivos estúdios.

Noutras Uniões e países, como a Hungria e a Polónia, estão-se também a desenvolver projectos de evangelização radiofónica.

O presidente da AWR, Walter Scragg, declara que os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia estão entusiasmados com estes planos, pois, ao darem ofertas para a Rádio Mundial Adventista, o seu desejo é contribuir para a evangelização. E estas iniciativas locais preenchem os objectivos da Igreja, criando novas oportunidades de difusão local, que aumen-

tam a audiência à mensagem do Evangelho. A rádio constitui um elemento único para a concretização da Missão Global de Evangelização em que estamos empenhados.

No próximo dia 12 de Fevereiro será levantada uma nova oferta para a Rádio Mundial Adventista. «Por favor, roga o *staff* da AWR, façamos planos para dar generosamente para esta oferta anual da AWR, pois os nossos dons contribuirão para a manter operando em todo o mundo.»

Plano de Emergência em casos de Catástrofe

Estamos vivendo uma onda de desastres naturais. Como oportunamente noticiado, dois dramáticos acontecimentos atingiram a estação adventista de Guam, onde está sediada a AWR-Ásia: o tufão Omar, em 28 de Agosto de 1992, e um tremor de terra em 8 de Agosto de 1993, o qual teve uma intensidade de 8,2 na escala de Richter. Foi com dificuldade que a estação continuou a operar nes-

tas circunstâncias. Agora a AWR preparou um plano completo para fazer face a qualquer emergência. «A nossa constante oração», diz Gordon Retzer, gerente da AWR-Ásia, «é que consigamos manter-nos no ar, apesar de qualquer acidente ou desastre natural. Estamos também preocupados com a segurança e saúde emocional do nosso pessoal nestes tempos traumáticos, e igualmente com a segurança dos nossos edifícios e equipamentos.»

Alguns dirigentes de estações participaram em Outubro do ano passado num *atelier* sobre **Gestão em Situação de Crise**, realizado por um especialista da Conferência Geral, Robert Nixon.

«Queremos que estas estações estejam no ar até Jesus voltar», afirma Walter Scragg. «Precisamos das vossas ofertas, mas necessitamos também das vossas orações. Orem a Deus por protecção às nossas unidades, intercedam em favor dos produtores, engenheiros, locutores e todos os que

e alguma forma trabalham a rádio para proclamar as boas-novas da salvação em Cristo e a Sua breve volta!»

AWR e Missão Global

O desafio de **Missão Global**, de identificar e fazer planos para penetrar em todos os grupos e áreas onde não existe uma presença adventista, está intimamente ligado à **ação da AWR**. Os seus programas têm muitas vezes constituído a primeira e única forma de levar a Mensagem a milhões que a não conhecem.

A AWR estabeleceu como alvo começar e emitir em novas línguas que permitam atingir novas populações. Os estúdios de produção do Bangladesh, Chipre, Ghana e Paquistão são quatro dos que estão preparando programas em novas línguas.

A AWR está coordenando os seus planos com os de Missão Global. Em muitas das línguas agora visadas como alvo prioritário, a AWR vai conseguir levar a Mensagem Adventista a novas populações em que outras formas de evangelização são absolutamente proibidas.

O centro de produção do Chipre adquiriu recentemente uma nova propriedade nos arredores de Nicósia. Já estamos a produzir programas em língua **árabe** e brevemente iremos produzi-los também em **farsi** (para o Irão) e em **turco**.

Já conseguimos licença para operar em FM no Ghana, para produzir programas na estação local, bem como programas em **inglês** para a AWR-África.

O estúdio de Lahore, no Paquistão, estabelecido recentemente, já está operando e foi encarregado de preparar programas em **urdu**

para o Paquistão e em **dari** para o Afeganistão. Estes novos programas irão para o ar já na próxima primavera. Será a primeira vez que a Mensagem Adventista se ouvirá nestas línguas.

Outro estúdio novo, localizado em Dhaka, no Bangladesh, está a preparar programas em língua **bengali** para a AWR. Já no ar, estes programas começam a ter alguma resposta. Um ouvinte escreveu: «**Eu era muçulmano, mas através da Voz da Profecia da Rádio Mundial Adventista conheci a Jesus Cristo e aceitei-O como meu Salvador pessoal.**»

Diz o pastor Walter Scragg: «Respostas como esta constituem a razão de ser da AWR.» E acrescenta: «Por isso, **quando no dia 12 de Fevereiro for levantada a oferta anual para a AWR**, lembremo-nos que esta é uma forma de manter a pregação do Evangelho e contribuamos generosamente.»

Andrea Steele, sempre ligada à AWR, viveu alguns anos em Portugal e na ilha de Guam. Actualmente reside em Darmstadt, na Alemanha, e é relações públicas da Rádio Mundial Adventista.



Movimento de Obreiros e seus Locais de Trabalho

O **Pr. Júlio Carlos Santos** retomou o seu lugar no ministério desde o dia 1 de Setembro, ocupando-se das igrejas de Delães e Vizela, visando-se expandir o trabalho em Guimarães e Fimalicão.

De Collonges chegou um novo obreiro, **Artur Machado**, com a sua esposa, Leonor. Ao simpático casal desejamos muitas bênçãos no seu campo de trabalho, Porto e Ermesinde, em colaboração com Pr. António Maurício.

No Colégio Adventista de Oliveira do Douro [CAOD] é de salientar a chegada de dois novos elementos: **A Chantal**, como preceptora, em substituição da **Rosinha**, que decidiu prosseguir estudos em Collonges, e o **Jorge Lopes**, que aceitou o desafio de dirigir o Departamento Agrícola do Colégio, acumulando uma razoável carga horária de aulas, assim como dar alguma ajuda no transporte dos alunos.

No Colégio Adventista de Lisboa, no que respeita a pessoal, merece menção a experiência da irmã **Luísa Teixeira** que, ao mesmo tempo que trouxe os seus três filhos para o Colégio, aceitou o desafio de se dedicar ao ensino das Classes de Bíblia, em regime de Serviço Voluntário Adventista.

Pr. António Amorim — Assumirá a responsabilidade das igrejas de Vila Franca de Xira e Salvaterra de Magos, a partir de 1 de Fevereiro de 1994.

Ir.ª Irene Paula Amorim — A partir de 1 de Fevereiro reassumirá as suas funções de Obreira Bíblica, como capelã do LAPI.

Pr. Daniel Bastos — A partir de 1 de Setembro de 1994 cessará as suas funções como preceptor, professor de Bíblia e pastor no CAOD, sendo transferido para o distrito de Santarém.

Pr. Ilídio Carvalho — A partir de 1 de Setembro incorporará o corpo redactorial da Publicadora Atlântico, passando a acumular as funções de pastor da igreja de Queluz.

Pr. Manuel Marinheiro — Deixará as suas funções de Administrador do LAPI para assumir a responsabilidade das igrejas de Cada-val e Torres Vedras.

Pr. Arnaldo Martins — Transferido da Escola Bíblica Postal e igreja de Torres Vedras para assumir as funções de Adjunto de Publicações, na Zona Sul.

Pr. Júlio Vieira — Após ter terminado os cursos de Teologia e Psicologia no «Atlantic Union College», nos E.U.A., foi nomeado obreiro estagiário na igreja central de Lisboa. A partir de 1 de Setembro irá assumir as responsabilidades de preceptor, professor de Bíblia e pastor da igreja do CAOD.

Damos as boas-vindas aos novos obreiros e desejamos a todos as maiores bênçãos de Deus no seu ministério. — **Informações** — Boletim da União Portuguesa dos ASD, Out-Dez. 1993 e Jan-Março 1994.

«Natal Amigo» nos Açores — Igreja Adventista na Horta teve pela primeira vez 42 Presenças

Para a história da mensagem na cidade da Horta, o «Natal Amigo» contribuiu para que a Igreja Adventista tivesse a presença de 42 almas, sendo 32 crianças que aderiram ao nosso convite. Pela primeira vez na minha missão como colportor-evangelista de avançada, tivemos de realizar dois programas de Natal na igreja, às 14.30 e 16 horas...

Neste projecto houve grande envolvimento de uma equipa unida e conhecedora das dificuldades que representa fazer evangelização nos Açores.

No dia 24 de Dezembro, (sexta-feira) e após eu e minha mulher termos estado até às 5h da manhã ajeitando as roupas dos «Pais Natais», com os dedos todos picados, saímos para a rua, distribuindo centenas e centenas de folhetos com a mensagem do Advento. Nas visitas efectuadas às entidades públicas e privadas desta cidade e aos Meios de Comunicação Social, destaca-se a entrevista na RDP-Açores para todas as ilhas dos Açores. O Pr. Basill Krill (sul-africano que aqui reside) e o Emanuel Garcês (da igreja do Porto) realizaram um trabalho notável, culminan-

do com a visita e entrega de alimentos, roupas e brinquedos a uma família pobre de 7 filhos, na Feteira, em que após breve oração de despedida se viam as lágrimas de uma mãe tão agradecida.

Na festinha de Natal tivemos a alegria de ter a colaboração da Áurea, com bonitas histórias e poesias para as crianças e as canções do jovem Pedro Glória, irmão do Pr. Justino Glória, que nesta cidade da Horta cumpre serviço militar na Marinha. Tudo isto foi possível graças ao poder do Alto e por nos ter sido concedido fazer em 8 programas do «Nascente de Esperança», na rádio desta cidade, mais de 100 convites para telefonar e trazer à igreja de Horta tantas almas, o que foi para todos uma surpresa...

Recordo os dois irmãos de Flamengos, Marisa e Bruno, de 16 e 11 anos, que vieram 5 kms a pé para assistir à Festa do «Natal Amigo» e também a oferta que o nosso filho fez de quase todos os seus carrinhos a tantas crianças que nos visitaram.

Agradeço o apoio que nos chegou para esta iniciativa, que jamais esqueceremos, das irmãs



das Dorcas da igrejas de Coimbra, de irmã Susana de Portalegre, do Prof. Carlos Cidra, do Porto e da Dr.^a Maria Augusta Lopes, da revista *Nosso Amiguinho*, entre muitas solicitações de apoio.

Deixo aos leitores da nossa *Revista Adventista* a mensagem que recebi do meu amigo Dr. Mota Amaral:

AOS PRESENTES NO «NATAL AMIGO» HORTA 25-12-93

A Festa de Natal que hoje se realiza culmina uma iniciativa, sempre louvável, de apelo à solidariedade tendo em mente uma causa sempre tão nobre como é a da partilha.

Estou certo de que a mesma foi conseguida, através da resposta pronta da comunidade, pois a solidariedade para com o próximo e o espírito de entrega não são palavras deixadas ao esquecimento pelos Açoreanos.

Dessejo a todos os presentes e respectivas famílias um santo Natal e

um ano de 1994 pleno das maiorias alegrias.

Saudações amigas do
João Bosco Mota Amaral
Presidente do Governo
Regional da Região
Autónoma dos Açores

N.B. — Mensagem lida na nossa festa do «Natal Amigo», após ter-lhe sido feita uma entrevista para o «Nascente de Esperança» e entregue (oferta) o livro *O Melhor da Vida*, de Elen White.

Álvaro Bastos
Colportor-evangelista na
Horta, Açores



Visita a família carenciada da Feteira.



O Dr. Mota Amaral, recebe das mãos de Álvaro Bastos o livro «O Melhor da Vida» de E. White.

Portalegre: A Família Cresce

Sábado, 6 de Novembro de 1993, foi um dia de regozijo na igreja de Portalegre, pois a Família Adventista cresceu com o nascimento espiritual de mais 9 pessoas. Foram elas (conforme a fotografia), à frente: Antero Silva, Nádia Switha, Joaquina Duarte, Helena Silva e Celeste Miranda; atrás: Roberto Switha, Etelvina Capelo, Leonor Capelo e Álvaro Batista.

Juntaram-se a nós, nesse dia festivo, as igrejas de Ribeira de Nisa, Ponte de Sor e Comenda. Estas últimas fizeram-se acompanhar dum grupo musical que solenizou e alegrou com os seus cânticos a cerimónia baptismal.

Após a cerimónia baptismal, todos os presentes foram convidados para um lanche no salão de jovens, onde nos aguardava uma mesa linda e fartamente coberta de apetitosos alimentos e refrescos. Mas que gesto tão gracioso para festejar e dar as boas-vindas, mostrando assim o nosso amor àqueles que vieram alegrar e enriquecer a Família Adventista de Portalegre!

Nesse dia, não só houve alegria em Portalegre, mas houve também, sobretudo, muita alegria no Céu (Luc. 15:7).

Carlos Cordeiro

Pastor da igreja de Portalegre



Os novos irmãos da igreja de Portalegre.

Notícias das igrejas de Oliveira do Douro e Matosinhos

Desejamos agradecer a Deus o bom ano de 1993. Foram tantas as bênçãos recebidas, e tão imerecidas, que a única e legítima atitude a tomar é de louvor e de acção de graças. Deus é maravilhoso e, apesar das nossas limitações e fraquezas, opera por nosso intermédio, revelando-nos que, em cada momento, dependemos d'Ele para tudo. Todas as coisas são feitas n'Ele e por Ele.

Perante esse Deus maravilhoso, que utiliza seres humanos como instrumentos Seus para a salvação das almas, podemos apenas suste-nos perante Ele em humildade e temor.

Também temos uma palavra de carinho e profunda gratidão pelo acolhimento dos irmãos de Matosinhos e Oliveira do Douro, desde a primeira hora. A todos os oficiais e líderes destas duas igrejas expressamos a nos-

sa gratidão pelo apoio e espírito de entreaajuda manifestados neste primeiro ano de ministério neste campo de trabalho. Por isso desejamos partilhar convosco algumas das actividades realizadas pelas duas igrejas no ano de 1993:

Igreja de Oliveira do Douro

1. Seminário sobre o Espírito de Profecia, dirigido pelo pastor Manuel Cordeiro.
2. Campanha de Evangelização, dirigida pelo pastor da igreja e pelo Dr. Victor Alves.
3. Retiro de jovens.
4. Trabalho Missionário em Vila Meã, com boas perspectivas para o futuro.
5. Cerimónias baptismais, onde 11 pessoas testemunharam a sua decisão por Cristo.
6. Semana de Oração de Jovens, dirigida pelo pastor Rogério Nóbrega.

Igreja de Matosinhos

1. Campanha de Evangelização, dirigida pelo irmão Domingos Freixo.
2. Dois Planos de 5 dias, realizados em Matosinhos:
 - a) Na Câmara Municipal de Matosinhos, dirigidos pelo Dr. Luis Castelo e pe-

lo Dr. Daniel Esteves. Cerca de 35 visitas.

b) Na Junta de Freguesia da Senhora da Hora, em Matosinhos, dirigidos pelo Dr. Castelo e pastor local. 5 visitas.

3. Cerimónias baptismais, onde 7 pessoas revelaram publicamente o seu amor pelo Senhor.

4. Semana de Oração, dirigida pelo pastor Rogério Nóbrega. Oramos ao nosso bondoso Deus para que nos torne mais disponíveis neste ano de 1994. Que o Senhor continue a operar as Suas maravilhas no seio do Seu povo, para que a Sua Igreja se reavive e reforme, na expectativa ansiosa da última Revelação do Senhor Jesus, e que, através do seu testemunho, muitas almas, agora sedentas da Verdade e de Cristo, possam engrossar as suas fileiras.

«Louvai a Deus no Seu Templo, louvai-o no Seu poderoso firmamento, louvai-o por Suas façanhas, louvai-O por Sua grandeza imensa!»

(Salmo 150, Bíblia de Jerusalém.)

Paulo Renato e

Rosa Maria Garrochinho

Casal pastoral das referidas igrejas

Cassetes de Video e Audio

**Sermões dos Pastores
ROBERT FOLKENBERG e
ALEJANDRO BULLÓN**

Veja informação detalhada na folha em anexo

Faça as suas encomendas directamente à:

PUBLICADORA ATLÂNTICO, S.A.

Apartado 40 — 2686 SACAVÉM Codex

Telefones:

Lisboa (01) 9421232 / Porto: (02) 7828484

Aguardando a Ressurreição

Pastor António Dias Gomes



É com pesar que damos a notícia do falecimento deste nosso irmão, ocorrido no dia 14 de Janeiro de 1994, no Hospital de Santarém, onde se encontrava internado.

Referência obrigatória para a Igreja Adventista em Portugal, o Pastor António Dias Gomes era membro da igreja central de Lisboa, e o mais antigo de Portugal, tendo trabalhado na obra do Senhor durante 34 anos. Foi pastor, professor, escritor, redactor, presidente da Conferência e da União Portuguesa.

Nascido perto do Porto a 20 de Abril de 1901, foi baptizado na igreja desta cidade em Janeiro de 1913, aos 12 anos de idade e cresceu num lar adventista, uma vez que o seu pai foi um dos primeiros crentes do Norte a ser baptizado.

Desde muito moço, o jovem António Dias Gomes manifestou um grande dom para a pregação da Palavra de Deus e um grande gosto pelo seu estudo. Tinha ele 21 anos quando os irmãos dirigentes da obra adventista o convidaram a vir dar a sua colaboração na igreja de Lisboa. E um ano depois, em 1923, acharam que ele deveria ir para o Seminário de Collonges, a fim de completar a sua preparação ministerial.

Em meados de 1924, de regresso a Portugal, foi-lhe confiada a responsabilidade pastoral da igreja de Portalegre, na altura um dos campos mais promissores do nosso país. Data de então a grande amizade que sempre o ligou às gentes do Alentejo e aos crentes daquela região.

Entretanto, o Pastor Dias Gomes casara com a irmã Mercedes Meleiro Dias Gomes, enfermeira de profissão, que abandonou esta actividade para se dedicar ao lar e ao ministério pastoral de seu marido. O casal teve dois filhos, o Samuel e a Gaby, que eram o enlevo daquele lar, um espaço amigo e alegre, onde os jovens eram particularmente bem-vindos.

Em 1926 António Dias Gomes está de novo em Lisboa e desta vez ficará até 1931. A sua grande actividade é a evangelização, o debate sobre as Sagradas Escrituras com amigos e visitas da igreja. «Nada como uma boa discussão sobre a Bíblia», dirá ele, anos depois, à signatária destas linhas.

Em 1931, António Dias Gomes é de novo transferido para Portalegre, para grande alegria dos crentes daquela região, mas mal fica dois anos nesta igreja, porque é novamente chamado para Lisboa. É a terceira vez que vai pastorear esta congregação e fá-lo-á com o maior prazer, pois em Lisboa sentir-se-á para sempre «em casa». Como disse um dia, «o que mais me custava quando estava fora de Lisboa era a saudade das minhas águas furtadas», que é como quem diz, da sua família e dos seus livros.

Este é um período extremamente rico na obra adventista em Portugal e também no ministério do nosso irmão, que viu serem-lhe confiadas grandes responsabilidades administrativas na Igreja Adventista. Em 1935, foi nomeado presidente da Conferência Portuguesa, que então pertencia à União Ibérica, com sede em Madrid. Em 1941, após a organização da União Portuguesa, com sede em Lisboa, e englobando as Missões da Madeira, Açores, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, é chamado à presidência da mesma.

o campo português precisa de obreiros, mas tem também que providenciar professores e pastores para a obra missionária das suas Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique. As solicitações são muitas, as dificuldades e os problemas também. É im-

perioso preparar jovens que possam responder ao chamado dos campos missionários e muitos são os que por sugestão sua vêm estudar para Lisboa. Com efeito, em 1935 começara a funcionar no rés-do-chão do novo templo de Lisboa, inaugurado pouco antes, o Instituto Académico Adventista. Era só o ensino primário para ambos os sexos, mas em 1936 é-lhe agregado um curso bíblico que funciona à noite e vai permitir que os jovens que querem trabalhar na causa de Deus possam ali estudar. Algum tempo depois, o Instituto Académico Adventista lecciona também alguns anos do curso liceal, o que ajuda ainda mais a sua preparação. Mas a Escola não possuía um internato e era necessário ter uma instituição que albergasse os alunos adventistas que desejavam seguir o ministério, que lhes proporcionasse um meio ambiente adequado e lhes facultasse a possibilidade de custearem os seus estudos. Por isso, em 1940, foi aberto o Seminário Adventista de Portalegre. A Escola Primária de Lisboa foi reestruturada e abriu com a designação de Colégio Adventista de São Paulo.

Data também desta altura o estabelecimento da editora adventista portuguesa *Publicadora Atlântico*, que sucedeu à Sociedade Filantrópica Adventista e permitiu dar maior fôlego às nossas publicações. Com efeito, apesar dos anos difíceis da II Guerra Mundial, a obra de evangelização continuou e em grande parte através da literatura, cuja venda continha igualmente um modo de angariar o pão de cada dia para muitos que tinham dificuldade em conseguir um emprego com o Sábado livre. Publicam-se vários livros, cria-se a *Revista Adventista* e a *Revista Saúde e Lar*, bem como diversos folhetos e brochuras missionárias.

Em Julho de 1950, o pastor Dias Gomes recebe um chamado para dirigir o Departamento da Escola Sabatina na Divisão Sul-Europeia, cargo que ocupa até 1955, altura em que regressa a Portugal. O seu último campo de trabalho pastoral será a igreja de Portalegre, a que o ligam gratas recordações. Mas a sua saúde está muito enfraquecida. Embora extremamente lúcido, os muitos tra-

balhos e fadigas — e sobretudo o desgosto pela perda do seu filho Samuel, na flor da idade — tinham-se repercutido na sua vida. Assim, em 1956, foi aposentado.

Todavia, estavam-lhe ainda reservados outros desgostos. Primeiro, foi sua esposa, irmã Mercedes, que faleceu, e logo a seguir, no espaço de meses, perdeu a filha que lhe restava, a Gaby. Esta, porém, deixou-lhe uma netinha, a Leninha, de quem ele falava sempre com carinho, lamentando tão-somente que ela vivesse longe de Lisboa e ele não a pudesse ver tanto quanto desejava. Ainda assim, teve forças para reagir e refazer a sua vida, voltando a casar. Sua segunda esposa foi a irmã Maria Isabel Dias Gomes, que lhe sobreviveu.

Agora, a poucos meses de fazer 93 anos, o Senhor chamou este Seu servo ao descanso. O seu funeral teve lugar em Santarém, pois o nosso irmão encontrava-se no LAPI havia poucas semanas e por problemas advindos subitamente fora internado no hospital daquela cidade. Na cerimónia fúnebre estiveram presentes muitos amigos e companheiros de ministério, e também a sua esposa e neta. O Pastor Joaquim Dias, na qualidade de presidente da União Portuguesa, dirigiu a cerimónia em Santarém e acompanhou o nosso irmão até à sua última morada, em Vilar de Perdizes, onde também está sepultada uma parte da sua família.

Foi uma vida longa, trabalhosa e sofrida, com alguns momentos de alegria. Numa manhã que está para breve, ele reverá todos os seus e o Senhor lhe dará o galardão da vida e felicidade eternas. Essa era a sua esperança. Quando recentemente lhe perguntámos qual seria a conclusão da sua vivência de 80 anos como membro desta Igreja (entretanto fez 81 anos de membro), ele respondeu prontamente: «Estou com o velho Salomão: *De que tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos!*»

À sua esposa, irmã Isabel, a sua neta, Helena Gomes Esperancinha, e restantes familiares, apresentamos sentidos pêsames.

Maria Rosa Batista